



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS  
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES  
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 23 de junho de 2018



*vai tudo correr bem* | 2015 | Pedro Valdez Cardoso

## DECLARAÇÃO DE GUERRA 1

Vasco Luís Curado

Em 1960, eu tinha 20 anos, chamaram-me para a tropa. Fiz o curso de sargentos milicianos e fui graduado como furriel no dia de embarque para Angola, em 5 de Maio de 1961. A sede da companhia era em Muxaluando. Protegíamos as colunas de camionetas que nos traziam comida e as que transportavam o café das plantações. Era necessário desimpedir os itinerários. Os *turras* destruíam pontes, atulhavam as estradas com árvores, abriam buracos onde cabia um carro e camuflavam os buracos, punham estacas de madeira afiadas no fundo. Eu comandava uma secção de onze homens. Estivemos dois meses destacados numa fazenda para proteger os colonos e a cultura do café. A fazenda foi atacada uma vez, ripostei, *eles* não apareceram mais.



Em Mucondo, cavámos abrigos em círculo à volta do aquartelamento. No segundo dia apercebi-me de barulhos na mata, o vigia não ouviu nada... Eu disse para terem prontas as granadas de morteiro 60. Minutos depois, ouviu-se um apito, *eles* apareceram aos gritos de “Upa! Upa!”, um alarido dos diabos, eram uns 450, soubemos mais tarde. Alguns saltaram o arame farpado e vieram morrer sobre os parapeitos dos nossos abrigos. Matámos muitos a tiro de espingarda semiautomática e metralhadora. Contámos para cima de 100 mortos. Nós não tivemos baixas. Interrogámos os sobreviventes: que brancos é que mataram, em que região atuaram. Depois, eram abatidos com um tiro de pistola *Mauser*, na testa. A um, que estava muito ferido, eu disse: “A tropa não te pode fazer nada, o que queres antes de morrer?” Ele pediu água, eu disse ao soldado para ir buscar água mas fiz-lhe um sinal para não ir, não seria necessário. Peguei na espingarda-metralhadora *FBP*, que não era fiável, fiz um disparo para o matar, mas saiu ao lado. Disse ao soldado: “Ó 235, mata o indivíduo”. O soldado encostou-lhe a *Mauser* à testa e matou-o. A partir daqui, fiquei a pensar que não o devia ter feito, mas por outro lado o indivíduo não se podia safar, morreria à mesma...

A minha secção foi reforçar um pelotão no mato. Aproximámo-nos de um rio e, no outro lado, perto da água, num terreno em declive, vimos a mandioca a mexer. Dei ordens para disparar. Ouvimos um choro de crianças, suspendi o fogo. Seriam macacos? Dizem que os macacos choram como crianças. Mandámos uma árvore abaixo e a minha secção atravessou o rio sobre a árvore. Fomos descobrir cinco mulheres e três crianças. Uma das mulheres estava ferida. Mandei dois homens subir o terreno para ver se havia alguém que nos pudesse atacar, não avistaram ninguém. Trouxemos as mulheres e as crianças. A que estava ferida foi carregada pelos soldados numa padiola feita com paus e vestuário delas. Quando estávamos a atravessar a árvore, esta cedeu, a água chegava-nos até ao pescoço, a mulher ferida ficou submersa, mas safámo-la. Já em terra, eu disse ao alferes: “A mulher ferida... mata-se?” O alferes disse para eu fazer o que quisesse. Mandei as crianças para longe, ficou só aquela mulher. Lembrei-me do que tinha sido no Mucondo, disse aos soldados: “Quem é que mata a mulher?” Ninguém se ofereceu. “Então vamos carregar com ela.” Fomos a corta-mato até ao jipão que estava distante, subindo e descendo. Pusemo-la no *jipão*, ela a esvair-se em sangue. Morreu no caminho.

Os feiticeiros diziam-lhes que para matar o branco era preciso cortar cabeças, e que a bala do branco era água. Era preciso mostrar-lhes que a bala do branco matava. Não fazíamos prisioneiros, eles também não.



Púnhamos as cabeças dos *turras* espetadas em paus para quando os amigos deles passassem verem que a bala do branco não era água.

Fomos atacados entre a Roça Portugal e o Mucondo. O veículo *GMC* e o *jipe* com a metralhadora *Breda* iam à frente, nós seguíamos em fila. *Eles* atacaram de manhã cedo, estava ainda escuro. Usavam catanas, canhangulos e algumas metralhadoras que tinham sacado aos chefes de posto. Matámos os tipos todos. Tirei fotografias das cabeças espetadas em paus, para mais tarde se mostrar. Alguém disse que alguns dos *turras* eram antropófagos e eu acreditei. Os corpos eram enterrados numa vala, aberta com *buldozers*. Passados quinze dias, passei outra vez ali, tinha chovido muito, a vala estava revolvida, viam-se braços, pernas.

Finda a comissão, de dois anos e meio, voltei para casa e empreguei-me no escritório de uma empresa de transportes. Tenho 78 anos, uma filha de 54 e uma neta de 27.

Quando acontece algo que eu não goste, vou buscar uma imagem de guerra. Se vejo um acidente, tranponho para um ataque em que dois ou três inimigos ficam estatelados. Não são recordações reais, são imagens genéricas de ataques com mortos. Há uns anos sonhei que tinha sido colocado em Angola como civil, em Luanda... dão-me uma pistola-metralhadora e mandam-me para a frente, eu nas esquinas a procurar inimigos... Fartei-me de rir.

Gosto de falar de temas de guerra com camaradas, sinto-me aliviado. Já me perguntaram se tenho sentimentos de culpa e eu disse que não. Não me sinto culpado nem tenho remorsos, por atos cometidos ou omitidos.

Vasco Luís Curado é escritor e psicólogo. O seu romance *O País Fantasma* (Publicações Dom Quixote, 2015) retrata a sociedade colonial, a guerra e a independência de Angola.



Principales productions d'origine végétale | 1931 | Michel Georges Dreyfus  
(cortesia do Museu Quai Branly)

## ÉTAT DE LIEUX: FRANÇA 2018, O DEBATE SOBRE O PASSADO COLONIAL

Fernanda Vilar

Estamos em meados de 2018. Emmanuel Macron é o Presidente de França. Há um ano declarou que a colonização foi um “crime contra a humanidade”. A crítica de Macron contra a colonização foi feita no contexto de uma visita à Argélia, território dominado pelos franceses ao longo de 114 anos, de 1848 a 1962. Na Argélia o Presidente francês evocou a necessidade de “olhar de frente para esse passado”, pois como já advertira Benjamin Stora, em 1991, no seu livro *La gangrène et l'oubli*, esse “esquecimento” tomou a forma de “gangrena” na sociedade francesa. O que por longos anos foi chamado de “eventos”



ÉTAT DE LIEUX:  
FRANÇA 2018, O DEBATE  
SOBRE O PASSADO COLONIAL

na história francesa é hoje considerado a “maladie algérienne” – a doença argelina. A difícil relação colonial entre a França e a Argélia causa até hoje um mal estar nos cidadãos franceses que possuem uma ligação direta com esse passado: *pieds-noirs*, judeus repatriados, militares, *harkis*, franceses de origem argelina, imigrantes argelinos...

Passou meio século desde o fim do Império colonial, contudo a França continua assombrada por esse passado. É o que se revela sobretudo na sua relação com o Outro e a consequente falha nos modelos de integração social. Para se diferenciar dos seus predecessores, Macron afirmou que a dinâmica da língua francesa é hoje mundial – e talvez mais africana que francesa. Contudo, o que dizer do discurso presidencial e de suas ações? Já em janeiro o único teatro de criação francófona em França, *Le Tarmac*, recebeu um comunicado ministerial para fechar as portas e ceder seu espaço a outro teatro. Ao mesmo tempo, a revista “Africultures”, que desde 1997 documenta as culturas africanas e diaspóricas e que constitui hoje um arquivo fundamental para o estudo das manifestações artísticas contemporâneas – corre o risco de desaparecer por problemas financeiros. A Agência Francesa para o desenvolvimento (AFD) perdeu metade de seu orçamento.

Percebemos que não podemos contar com iniciativas governamentais para melhorar o debate sobre o passado colonial francês. Por isso, convém assinalar algumas iniciativas, como a da Villa Gillet (1) que, em colaboração com o Teatro Nacional Popular (TNP) de Lyon, organizou em fevereiro de 2018 dois dias de debate sobre as escritas pós-coloniais em perspectiva comparada. Escutar o ponto de vista francês e os contrapontos das experiências belgas e holandesas em torno de três questões principais – “Expor o fato colonial”, “Contra o esquecimento : lembrar-se da violência colonial” e “Atualidade do passado colonial : restaurar um discurso fragmentado ” – foi essencial para perceber que a transmissão da memória do fato colonial e sua discussão ganham muito mais interesse quando discutidos de maneira comparada e situada e não isolada.

Esse debate, embora aberto ao grande público, não tem o mesmo poder de alcance como a exposição *Peintures des lointains*, que ocorre no museu do Quai Branly de 30 de janeiro de 2018 até 6 de janeiro de 2019. As obras expostas foram produzidas entre os séculos XVIII e XX. Entretanto, o que nos incomoda é o eufemismo utilizado para evocar essas “pinturas longínquas”, de territórios ditos “exóticos” e que foram colonizados pelos franceses. Trata-se de uma coleção pouco conhecida, exatamente porque toca no âmago de um passado colonial que suscita atualmente grandes controvérsias na sociedade



ÉTAT DE LIEUX:  
FRANÇA 2018, O DEBATE  
SOBRE O PASSADO COLONIAL

francesa. Grande parte das obras expostas vinham do museu colonial, criado em 1931, no Palácio da Porte Dorée. Com a descolonização em marcha, essas obras foram para um depósito e somente em 2006 chegaram ao museu Quai Branly (2). As imagens exóticas que vemos ao longo da exposição revelam a superficialidade da percepção sobre as outras culturas. Não raro essas imagens se assemelham, embora ilustrem diferentes territórios – são imagens deformadas sobre o Outro. Seria adequado dizer que essa exposição exprime a maneira como a França faz seu debate público ainda hoje?

Ora, na grande bienal no Instituto de France, *Rencontres Capitales*, cujo tema era a memória e as suas mutações, não houve espaço para a questão colonial. Foram dois dias de programas, com especialistas oriundos de diversas áreas. Falou-se de história, falou-se de guerra, falou-se de cultura e patrimônio. Não se falou da questão colonial francesa. Reflexo de uma instituição enferrujada cujos participantes são em sua maioria pessoas de mais idade? Reflexo da desconsideração das pessoas com mais poder em França em relação ao passado colonial?

Pelo que podemos observar a partir desses quatro exemplos pontuais, a vontade de se discutir criticamente a história francesa é ainda minoritária. É possível observar discussões sendo feitas no mundo universitário, com encontros e congressos, mas a memória coletiva precisa de um debate público de qualidade que é ainda muito incipiente e genericamente desinformado, apesar do dito desejo do governo atual de reparar os destroços. As fraturas estão expostas e ainda não foram tratadas, apenas remediadas.

(1) Audição dos debates no site: <https://live.villagillet.net/user/event/replay> para a programação: <http://www.villagillet.net/portail/la-villa-toute-lannee/detail/article/les-ecritures-post-coloniales/>

(2) Ver o debate de Villa Gillet *Exposer le fait colonial*. A partir da análise da exposição colonial de 1931 em Paris, pretendia-se compreender as questões políticas e estéticas da museografia contemporânea do facto colonial. Em consonância com a newsletter “O impossível museu” de António Pinto Ribeiro publicada em 19 de maio de 2018.

ISSN 2184-2566

Fernanda Vilar é investigadora em pós-doutoramento do Projecto MEMOIRS do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.



Horizon 2020  
European Union funding  
for Research & Innovation

